

#SOSAcidentesDomésticos: Mãe lembra desespero após filha de 3 anos engolir bateria: 'Em 3 horas, já saiu corroída'

Série de reportagens da CRESCER alerta sobre riscos de acidentes domésticos e dá dicas de prevenção

4 min de leitura

• NATHÁLIA ARMENDRO

18 DEZ 2020 - 10H47 ATUALIZADO EM 18 DEZ 2020 - 10H47



*Baterias devem ser mantidas fora do alcance das crianças
(Foto: Nathália Armendro/Crescer)*

A pequena Isabela tinha 3 anos, em fevereiro de 2016, quando o dia do retorno de uma viagem em família virou um episódio de desespero. Ela estava em casa com a sua mãe, a professora de educação física Andrea Rocha, desmanchando a mala da viagem e pegou para brincar um pequeno controle usado para acionar a câmera fotográfica.

“Eu lembro de ter olhado para ela no chão e ela estava com o controle na mão. Eu perguntei: ‘Isa, o que você está fazendo?’, e ela levou um susto. E nesse susto eu tive a impressão de que ela engoliu alguma coisa. Eu olhei na boca dela, olhei por dentro, desesperada, não via nada. Ela falava, mas não conseguia explicar o que tinha acontecido”, lembra a mãe, hoje com 39 anos.

A menina começou a chorar muito, mas não chegou a ficar sem ar ou engasgada. “Como o controle não estava funcionando, eu não tinha certeza se ele estava ou não com bateria”. Na dúvida, a mãe foi orientada pelo pediatra a ir ao hospital. E ao chegar lá, uma radiografia no abdômen mostrou a bateria - do tamanho de uma moeda de R\$ 1.

LEIA TAMBÉM: [Academia Americana de Pediatra alerta sobre bateria botão que pode matar](#)

Acidentes domésticos são a principal causa de mortes de crianças de 1 a 14 anos no Brasil. Anualmente, cerca de 3,6 mil crianças são vítimas fatais desse tipo de acidente e outras 111 mil são hospitalizadas em todo país, de acordo com dados do IBGE. Para alertar as famílias sobre os perigos que podem existir dentro de casa, a CRESCER publica, a partir deste mês, o especial #SOSAcidentesDomésticos.

Casos como os que aconteceram com Isabela - hoje com 8 anos - são mais comuns do que podemos imaginar. "As baterias são pequenas, parecem uma pastilha, e é comum

que haja o interesse das crianças. O problema é que a ingestão delas pode causar sérias lesões no sistema digestivo e respiratório”, explica a médica pediatra Sarah Saul, vice-presidente do Departamento de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade de Pediatria de São Paulo.

+ Menino de 1 ano engole bateria e fica oito dias com o objeto no organismo



Andrea é mãe de Isabella, de 8 anos, e João Vitor, de 2 anos e 8 meses (Foto: Arquivo Pessoal)

Sarah Saul se refere ao risco de uma queimadura cáustica, condição que pode inclusive levar à morte da criança. “A substância que existe dentro dessas baterias provoca uma corrosão, uma queimadura de fato. E se a bateria for parar

na árvore respiratória, além da queimadura, pode obstruir a respiração e levar ao sufocamento”, detalha.

Em cerca de 3 horas dentro do estômago de Isabela, a bateria já estava corroída. “O ácido gástrico do estômago é muito corrosivo, né? E podia estourar essa bateria e dar problemas maiores. Eu fiquei desesperada. A bateria ficou cerca de 3 horas no estômago dela e já saiu corroída, já saiu com marcas como se fossem de ferrugem”, lembra a mãe da menina.

A equipe conseguiu retirar o objeto por meio de uma endoscopia, sem precisar de cirurgia, mas apesar do desfecho positivo, o acidente mudou a vigilância da família sobre a rotina dos filhos. “Hoje tenho um segundo filho, de 2 anos e 8 meses, uma idade que explora e pega tudo. E a gente tenta não deixar essas coisas miúdas ao alcance dele, ou coisas que tenham pilhas, baterias que ele possa engolir, porque a gente sabe que é perigoso. Ficou a lição de que temos que estar sempre atentos com tudo”, conclui.

A pediatra concorda que a melhor forma de prevenir é mesmo retirar esses objetos do alcance das crianças. Aqui, além das baterias em si, é importante lembrar que controles de aparelhos eletrônicos e até aqueles menores, de portões de garagem, por exemplo, que podem não conter trava de segurança e representar um risco, como no caso de Isabela.

+ Mãe pede mudança em lei depois que filha engoliu bateria botão

“Basta um segundo para algo acontecer. Não temos estatísticas no Brasil sobre queimaduras cáusticas, mas o que observamos em outras partes do mundo é que agora, durante a pandemia, os casos têm aumentado. As crianças estão mais em casa, mais expostas”, diz a pediatra.

Segundo ela, esse tipo de acidente é mais comum com crianças até os 6 anos de idade, embora possa acontecer com crianças maiores também. “É importante orientar as

crianças sobre o perigo desses objetos, e manter vigilância constante."

Segundo dados divulgados em 2019 pelo Instituto de Pesos e Medidas do Estado de São Paulo (Ipem-SP), são reportados anualmente cerca de 3.500 casos de ingestão de pequenas baterias por crianças aos centros de controle de envenenamento nos Estados Unidos. No mundo todo, estima-se que cerca de 5 mil crianças sofram esse tipo de acidente e, destas, quase 50% não sobrevivem.

Como proceder?

Em primeiro lugar, é importante ter em mente que a ingestão de uma bateria é uma emergência. Por isso, os pais têm que procurar um pronto-atendimento imediatamente, sem dar nada para a criança ingerir nem tentar provocar vômito. Em geral, a criança precisará passar por uma endoscopia de emergência para retirar esse corpo estranho.

"O melhor é sempre evitar, porque os danos são muito sérios, muito graves."

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) promove este mês o chamado Dezembro Vermelho, dedicado à prevenção a acidentes na infância e na adolescência. De acordo com a entidade, acidentes de trânsito, afogamento, sufocação, queimaduras, quedas e intoxicações lideram as causas de ferimentos não intencionais entre os pequenos.